

aos meses de fevereiro a julho, seguidos de meses de grande aridez e altas temperaturas, propiciando intemperismo e erodibilidade. A colonização, estabelecida na forma de presídio e busca de auto-sustentabilidade agrícola, pastoril e na construção de sistemas de defesa, residências, aeroporto e vias de acesso, levaram ao quase total desmatamento das duas maiores ilhas. As diversas descrições da fitofisionomia insular encontradas na literatura, decorrente de visitas em diferentes períodos climáticos, e o conhecimento do vasto desmatamento processado no decorrer da colonização, gerou a idéia errônea de que o arquipélago tivera vegetação primitiva mais exuberante, com árvores de grande porte, classificando-a como Mata Atlântica Insular. Comparação dos levantamentos florísticos ao longo dos últimos 400 anos e considerações sobre os parâmetros edáfico-climáticos a que são condicionados confirmam uma composição fitofisionômica restrita à vegetação herbácea, arbustiva e arbórea de pequeno porte, caracterizadas pela caducifolia e pouca diversidade específica, mais compatíveis a uma mata seca, como aquela estabelecida na atualidade para o arquipélago.

08.21

ESTRUTURA E DINÂMICA DA POPULAÇÃO DE *Mauritia flexuosa* L. (ARECACEAE), EM UMA ÁREA DE VEREDA DA RESERVA DO PANGA, UBERLÂNDIA, MG. Grace de Lourdes Cardoso, Glein Monteiro de Araújo, Selma Aparecida da Silva e Alice Fátima Amaral (Depto. de Biociências, Universidade Federal de Uberlândia, MG - Glein@ufu.br)

Com o objetivo de determinar a estrutura da população da palmeira *Mauritia flexuosa* (buriti), o trabalho foi realizado em uma área de vereda situada na Reserva do Panga (Uberlândia, MG). A palmeira estudada apresenta porte arbóreo, estando sua ocorrência condicionada à áreas hidromórficas. Os dados de campo foram coletados em julho de 1997 e julho de 1998, em uma área de 2,17 hectares, onde os indivíduos encontrados foram marcados com placas de alumínio e numerados. A população da palmeira foi subdividida em três estágios de crescimento: os jovens, que possuíam apenas folhas e pecíolos, sem estipe diferenciado; os intermediários, cujo estipe estava envolto por bainhas, e os adultos, que apresentavam estipe definido. Nos jovens, foram tomadas as medidas de altura e diâmetro do pecíolo e nos demais, mediu-se altura e circunferência do estipe. Foram realizadas perfurações do solo a 0m (borda da vereda) 5m, 10m e 20m para o interior da vereda, afim de determinar a profundidade do lençol freático. A profundidade do lençol freático da borda para o fundo foi, respectivamente, 59,04cm, 32,03cm, 28cm e 13,46cm, em março, e 114,92cm, 80,54cm, 48,61cm e 25,15cm, em agosto. No fundo da vereda ocorreu o afloramento do lençol freático. Em 1997, foram encontrados 524 indivíduos da espécie estudada, dos quais 494 eram jovens, 4 intermediários e 26 adultos. A taxa de mortalidade para a população estudada foi de 8,05%, e ocorreu no estágio jovem. Os menores indivíduos do estágio jovem apresentaram as maiores taxas de crescimento. Os indivíduos do estágio jovem distribuíram-se, em sua maioria, nos primeiros intervalos de classe dos gráficos de distribuição de frequência para altura e diâmetro do pecíolo. A ocorrência dos buritis foi mais acentuada nos locais onde há o afloramento do lençol freático e ao longo do curso d'água, caracterizando a preferência dessa palmeira por ambientes hidromórficos da vereda.

08.22

CHAVE DENDROLÓGICA PARA ESPÉCIES DO CERRADO DO DISTRITO FEDERAL. José Wagner B. Machado (Cenargen/Embrapa, Laboratório de Ecologia de Plantas, Brasília, DF, jwagner@cenargen.embrapa.br)

Um dos problemas que enfrenta o ecólogo, o silvicultor e demais pesquisadores ao estudar uma comunidade vegetal é o da identificação botânica das espécies. O ensino da dendrologia nas escolas de florestas tem exigido dos professores a criação de uma terminologia apropriada e de fácil interpretação para as características vegetativas, se valendo da botânica e do conhecimento prático do homem

do campo. Esta chave é um passo neste sentido, uma forma de se aprender os princípios dendrológicos aprendendo também a reconhecer as principais espécies arbóreas do cerrado. O levantamento das características dendrológicas foi feito em indivíduos com mais de 10cm de DAP (diâmetro à altura do peito), não sendo a chave útil para identificação de plantas jovens. Os dados foram levantados em vegetação de cerrado *stricto sensu* e cerrado. A identificação botânica foi feita através de comparação de ramos férteis coletados no campo com exsicatas depositadas no Herbário da Universidade de Brasília, Herbário do IBGE e Herbário do CENARGEN - EMBRAPA. Foram estudadas características do fuste: ritidoma (consistência, aspecto externo) e casca viva (coloração, consistência, inclusões); ramos terminais (indumento piloso, gemas, nectários extra-florais, espinhos, acúleos, lenticelas) e folhas (filotaxia, composição, forma do limbo, margem, base, ápice, venação, indumento piloso, estípulas). A chave incluiu 119 espécies arbóreas pertencentes a 47 famílias botânicas e foi testada com sucesso pelos alunos de graduação e pós-graduação do Departamento de Engenharia Florestal, em vários locais do Distrito Federal.

08.23

COMPORTAMENTO DO MAMÃOZINHO (*Jacaratia corumbensis* Kuntze) EM CASA DE VEGETAÇÃO. Nilton de Brito Cavalcanti, José Luciano Santos Lima, Geraldo Milanez de Resende, Luiza Teixeira de Lima Brito (Embrapa-Semi-Árido. Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido. E-mail: nbrito@cpatsa.embrapa.br)

Entre as plantas nativas da região semi-árida do Nordeste brasileiro, que conseguem sobreviver aos longos períodos de estiagem, encontra-se o mamãozinho ou mamão-de-veado (*Jacaratia corumbensis* Kuntze). Arbusto escandente, produz frutos aromáticos que são consumidos pelos animais silvestres. Sua túbera ou xilopódio pode alcançar cerca de 158 kg, sendo utilizada pelos agricultores para produção de doce caseiro e na alimentação dos animais na seca. Este trabalho teve como objetivo avaliar o crescimento de 144 plantas cultivadas em casa de vegetação no período de fevereiro de 1998 a janeiro de 1999. O trabalho foi conduzido com plantas provenientes de sementes e transplantadas para sacos de plástico de 30cm x 20cm, perfurados na base, utilizando-se como substrato, adubo orgânico, argila e areia, na proporção de 1:1:1 e mantidas sob tela sombrite com redução de luz de 50%, em temperatura ambiente. No período de cultivo, manteve-se uma irrigação por aspersão com lâmina de 0,75 mm/dia. Quando as plantas completaram 30, 60, 90, 120, 150, 180, 210, 240, 270, 300, 330 e 360 dias, foram colhidas 12 plantas e analisadas as seguintes variáveis: altura das plantas; diâmetro basal; comprimento, diâmetro, peso e número de bifurcações do xilopódio; e número de ramos secundários. Os dados obtidos foram submetidos à análise estatística para comparação das médias, determinação do desvio-padrão e coeficiente de variação. Com os resultados obtidos, verificou-se que o mamãozinho, sob as condições observadas, aos 360 dias apresentou uma altura média de 3,22 m, com um diâmetro basal médio de 3,03cm e uma média de 23,42 ramos secundários. Quanto ao desenvolvimento do xilopódio, observou-se que nesta fase de crescimento este apresentava diâmetro médio de 11,54cm, comprimento de 67,33cm em média e peso médio de 1,99 kg. Observou-se a ocorrência de 3,25 bifurcações em média por xilopódio.

08.24

COMPORTAMENTO FLORAL DE IXORA (*Ixora cf. coccinea*). Alessandra de Rezende Ramos, Chieno Suemitsu & Giorgini Augusto Venturieri (Laboratório de Citogenética, Departamento de Genética, CCB, UFPA, Belém, PA. email: rezende@ufpa.br)

A ixora (*Ixora cf. coccinea* L., Rubiaceae) é nativa do leste da Índia, cultivada em Belém, PA como ornamental. As flores são hermafroditas com o cálice curto, corola tubular longa e estreita, o ovário ínfero, estilete longo e estigma bifido ou trifido em algumas flores. Novas variedades tem sido introduzidas do mundo inteiro e